

# **A ESCRITA NARRATIVA COMO FORMAÇÃO REFLEXIVA: REVIVENDO EPISÓDIOS E REPENSANDO A FORMAÇÃO**

**Getsemane De Freitas Batista<sup>1</sup>; Fabiane Gomes Carneiro<sup>2</sup> & Mônica Pinheiro Fernandes<sup>3</sup>**

*1. Graduada em História pela UFRRJ, discente do curso de Pedagogia do IM (UFRRJ) e bolsista do PIBID Interdisciplinar do IM (UFRRJ); 2. Discente do curso de Pedagogia do IM (UFRRJ) e bolsista do PIBID Interdisciplinar do IM (UFRRJ); 3. Professora Adjunta do Departamento de Educação e Sociedade do IM (UFRRJ); coordenadora do subprojeto PIBID Interdisciplinar do IM (UFRRJ).*

*Palavras-chave:* PIBID, formação docente, narrativa.

## **Introdução**

Como bolsista do PIBID (Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) temos tido a oportunidade de nos inserirmos no cotidiano escolar de uma escola municipal de Queimados, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Esta experiência nos tem possibilitado a articulação entre os conhecimentos da formação acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia e às práticas vivenciadas na unidade escolar. Dentre as experiências vivenciadas, uma diz respeito ao contato direto com as crianças e a conseqüente observação das atividades educacionais das quais participam, suas interações e respostas. Dentro deste contexto, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma das crianças da turma de segundo ano de escolaridade que acompanhamos, bem como discutir a importância da escrita narrativa das bolsistas sobre os acontecimentos observados como elemento didático na graduação .

## **Metodologia**

Este trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida no âmbito do PIBID em parceria com o GRUPENAD, o qual investiga as práticas de escrita docente de professores alfabetizadores. Tem caráter qualitativo, de base bakhtiniana, o qual considera que reviver um fato por meio da narrativa não se trata mais do acontecimento como concretamente aconteceu, mas sim de um olhar reflexivo sobre o ocorrido (AMORIM, 2002), de uma relação dialógica do encontro com o outro, que possibilita o reconhecimento do eu, ou seja, o eu que se constitui no encontro e pela palavra do outro (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012), na interação (Bakhtin 2006). Ao adotar a narrativa como ferramenta metodológica e considerando que nossa experiência como bolsistas do PIBID tem nos permitido vivenciar uma postura de pesquisador ao longo da formação, temos como suportes teóricos as contribuições de Benjamim (1994), Freire (2001), dentre outros. Assim sendo, elegemos três momentos que consideramos primordiais para a reflexão a respeito do posicionamento ativo do educando ao longo de sua escolarização, que são suas respostas para a pergunta sobre o nome de um aparelho e para uma atividade proposta pela professora da turma, bem como a cópia de uma receita contida na prova, a partir da perspectiva do letramento (SOARES, 2004).

## **Resultados e Discussão**

Em uma das muitas aulas que acompanhamos em 2014, na sala de leitura a professora responsável usou o datashow para contar a história do dia. Quando terminou a atividade, o menino se dirigiu até a dupla de bolsistas e perguntou: “Qual o nome deste aparelho?”, apontando para o datashow. Devolvemos a pergunta, esperando para ver qual seria sua resposta. Ele ficou procurando como se buscasse algum nome escrito, mas como não encontrou, virou e disse: “Mini-cinema” e saiu. Achamos muito interessante sua resposta e ficamos a nos perguntar quais seriam suas vivências para que ele chegasse àquela conclusão. Em outro momento, em abril de 2015, houve a aplicação da Provinha Brasil para a turma da mesma criança acima. Nós, bolsistas, estávamos ajudando a professora ao longo da prova e ao passar ao lado dele, percebemos que o mesmo anotava na borracha a receita de brigadeiro que contida na prova. Indagamos o porquê dele estar escrevendo na borracha e ele respondeu que iria fazer uma festa e ia fazer a receita. Falamos que ele poderia continuar a fazer a prova e que depois copiaria a receita, mas isto não teve qualquer importância para o menino e ele continuou a copiar a receita.

Em uma aula posterior, a professora da turma passou uma atividade que continha o desenho de uma janela, com o enunciado: Escreva o que você vê pela janela. Percebemos algumas crianças copiando palavras que estão escritas em cartazes na sala, outras escrevendo palavras que já haviam sido trabalhadas nas aulas anteriores. Ao olharmos as respostas do menino, nos deparamos com as seguintes palavras: *gato, máquina de lavar, ração* (ração), *planta, quatinho* (quartinho), *lave, escada, sol, chover* (chover), *gás, tijolo, bicicleta, pessoas* (pessoas), *passarinho, bola, cesta, tanque*. Ao ser indagado sobre qual janela seria essa, o menino responde que era a janela do quarto de sua mãe que dava para o quarto em que são guardadas coisas na sua casa.

Todas estas situações vividas com a criança têm levantado algumas perguntas e nos feito pensar e discutir, como por exemplo, qual é a vivência dele fora da unidade escolar? As experiências extraescolares influenciam no seu comportamento, principalmente no seu vocabulário? Também ficamos a pensar na forma como ele, em alguns momentos, dirige suas ações no contexto da sala de aula para seus interesses particulares, como na cópia da receita de brigadeiro. A realização da questão da prova não pareceu ter qualquer importância para o mesmo. Na interação e diálogos constante com este estudante, pudemos perceber que ele tem feito uso de todo o seu repertório no seu processo de ensino-aprendizagem, pois tem acessado “conhecimentos” que estão fora daqueles que lhe foram oferecidos até o momento no ambiente escolar. Para nós, bolsistas, esses fragmentos de experiências nos são muito caros, porque nos possibilita compreender, na experiência prática, as questões teóricas que estudamos. Neste caso específico, as práticas de letramentos ganharam vida e compreensão no ato de educar. Como futuras educadoras, temos que ter muito cuidado para tentarmos não deixar escapar estes momentos que são vividos pelas crianças e que muitas vezes ficam despercebidos.

### Conclusão

Ao refletirmos sobre os acontecimentos narrados, percebemos que tudo o que presenciamos e vivenciamos junto à turma é de extrema relevância para nossa formação docente. É necessário o reconhecimento e valorização das práticas sociais e culturais das crianças. Conhecer o seu repertório discursivo e trazê-lo para o ambiente escolar, viabiliza a aproximação do professor às esferas discursivas dos alunos. Também nos orienta a projetar que profissional desejamos ser, principalmente se formos alfabetizadoras, visto que acreditamos que existe mais de uma maneira de aprender e, da mesma forma uma diversidade metodológica para ensinar. Assumir-se como professor requer clareza de muitos aspectos que constituem o trabalho a ser cumprido. É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que vai ensinar, mas não se pode perder de vista, um segundo se quer, para quem se está ensinando, visto que é disso que decorre os modos de realizar.

A escrita das narrativas como prática da formação acadêmica constitui-se, portanto, numa oportunidade de nos fazermos pedagogas em diálogo direto e ativo com o cotidiano escolar, suas especificidades, seus conflitos, suas soluções, bem como refletir de que forma a teoria implica diretamente na prática, ou seja, nenhuma prática está isenta de uma teoria que a sustente, mesmo que o *praticante* não verbalize suas escolhas; assim como uma teoria que não possua qualquer sustentáculo prático está esvaziada da possibilidade de ser posta em prática.

### Referências Bibliográficas

- AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho/2002, PP. 7-19.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. In: *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 15, nº. 42, p. 259-268, maio/ago., 2001.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº. 25, PP. 5-17, Jan./Fev./Mar./Abr., 2004.
- SOUZA, S.J; ALBUQUERQUE, E.D.P. *A pesquisa em Ciências Humanas: uma leitura bakhtiniana*. BAKHTINIANA, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012.